



Universidades Lusíada

Pinto, Margarida
Monteiro, Daniela

As vivências e perceções da comunidade cigana no seu processo de realojamento

<http://hdl.handle.net/11067/6571>
<https://doi.org/10.34628/2fy0-7c73>

Metadados

Data de Publicação

2021

Resumo

O presente estudo aborda o realojamento da comunidade cigana (que residia no acampamento da Barragem de Bagaúste) no Bairro das Alagoas (Peso da Régua), e, tem como objetivo compreender o processo de realojamento a partir das suas vivências e perceções, particularmente, nas seguintes dimensões: 1) na transição entre o acampamento e o Bairro Social, 2) no acolhimento e adaptação ao Bairro, 3) e no acompanhamento técnico (nomeadamente de assistentes sociais) no processo de realojamento. Este estud...

This study aims to examine the rehousing of the gypsy community (who resided in the Barragem de Bagaúste camp) in Bairro das Alagoas (Peso da Régua), and to understand their experiences and perceptions, particularly, in following dimensions: 1) in the transition between the camp and the Social Housing Neighborhood, 2) the reception and adaptation to the Social Housing Neighborhood, 3) and the technical support (namely of social workers) in the rehousing process. This qualitative exploratory stud...

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-ISSSL] IS, n. 57-58 (2021)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-25T05:21:02Z com informação proveniente do Repositório

**AS VIVÊNCIAS E PERCEÇÕES
DA COMUNIDADE CIGANA NO SEU
PROCESSO DE REALOJAMENTO**

**THE EXPERIENCES AND PERCEPTIONS
OF THE GYPSY COMMUNITY IN THEIR
REHOUSING PROCESS**

Margarida Pinto

*Diretora Técnica do Serviço de Apoio Domiciliário no Centro Social e Paroquial de
Santa Eulália da Cumieira (Portugal)
ORCID ID: 0000-0001-9929-4974*

Daniela Monteiro

*Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais,
Universidade Católica Portuguesa (Portugal)
ORCID ID:0000-0002-3968-153*

DOI: <https://doi.org/10.34628/2fy0-7c73>

Data de submissão / Submission date: 30.04.2021

Data de aprovação / Acceptance date: 30.09.2021

Resumo: O presente estudo aborda o realojamento da comunidade cigana (que residia no acampamento da Barragem de Bagaúste) no Bairro das Alagoas (Peso da Régua), e, tem como objetivo compreender o processo de realojamento a partir das suas vivências e percepções, particularmente, nas seguintes dimensões: 1) na transição entre o acampamento e o Bairro Social, 2) no acolhimento e adaptação ao Bairro, 3) e no acompanhamento técnico (nomeadamente de assistentes sociais) no processo de realojamento. Este estudo resultou de uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, onde foram entrevistados vinte indivíduos da comunidade cigana realojada. Os resultados mostram, entre outros aspetos, que: 1) há diferentes sentimentos face ao acolhimento e integração no bairro, 2) há um elevado nível de satisfação face às novas condições habitacionais, 3) há reconhecimento da importância do acompanhamento técnico no processo de realojamento.

Palavras-chave: Bairro social; Comunidade cigana; Realojamento.

Abstract: This study aims to examine the rehousing of the gypsy community (who resided in the Barragem de Bagaúste camp) in Bairro das Alagoas (Peso da Régua), and to understand their experiences and perceptions, particularly, in following dimensions: 1) in the transition between the camp and the Social Housing Neighborhood, 2) the reception and adaptation to the Social Housing Neighborhood, 3) and the technical support (namely of social workers) in the rehousing process. This qualitative exploratory study interviewed 20 participants from the gypsy community rehoused. Findings showed, among other aspects, different feelings towards the welcoming and integration in the Social Housing Neighborhood, a high level of satisfaction in the face of new housing conditions and a recognition of the importance of

technical support in the rehousing process.

Keywords: Social housing neighborhoods; Gypsy community; Rehousing.

Introdução

O estudo apresenta o realojamento da comunidade cigana (que residia no acampamento da Barragem de Bagaúste) no Bairro das Alagoas (Peso da Régua). Os dois espaços habitacionais referidos fazem parte da Cidade de Peso da Régua. Contudo, o primeiro refere-se a um acampamento, entretanto demolido, de construções abarracadas na Barragem de Bagaúste. Era um espaço de habitação degradado e segregado onde residiam diversas famílias ciganas, num território, nas margens do rio Douro, altamente valorizado pela sua importância turística. A decisão de demolição do complexo habitacional levou a que estas famílias fossem realojadas no Bairro das Alagoas que, proporciona aos seus moradores, habitações sociais com as condições mínimas que estes necessitam para viverem uma vida condigna. Trata-se de um Bairro com diversas famílias de contextos culturais e de etnias diferentes, em que grande parte delas vivencia processos de estigmatização, precaridade social e económica.

Realojamento: uma casa, um bairro, um rótulo

A habitação é um direito inalienável consignado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e consagrado na Constituição da República Portuguesa, sendo um elemento basilar para a inserção social dos cidadãos. Neste sentido, cabe ao Estado garantir esse direito às populações mais vulneráveis, nomeadamente, às comunidades ciganas que são um dos grupos mais atingidos por situações de pobreza, exclusão social, discriminação e precárias condições habitacionais.

O nível de vida das famílias ciganas em Portugal é significativamente inferior à população em geral (Alves, 2017) e, ao nível habitacional, os ciganos vivem em condições mais precárias quando comparados com a restante população dos países a que pertencem, pela ausência ou deficitárias formas de acesso ao saneamento, sobrelotação das habitações, segregação dos territórios, e má qualidade das habitações (e.g. isolamento, saneamento, climatização, entre outros) com impactos na saúde dos seus moradores (Molinuevo, Koomen, & Fóti, 2012) realidades sobremaneira presentes nos acampamentos. Isto não significa dizer que todos os ciganos são pobres, excluídos e com baixas qualificações, essa homogeneização não corresponde à realidade dos ciganos portugueses que são um grupo heterogéneo ao nível social, cultural e económico (Mendes, Magano, & Candeias, 2019). Contudo, grande parte dos ciganos enfrentam desafios no âmbito da habitação, associados a uma dupla discriminação de acesso à mesma, seja fruto de preconceitos e estereótipos que vedam o acesso ao mercado privado de compra ou arrendamento das habitações, seja no acesso à habitação social (Mendes, Magano, & Candeias, 2014).

Embora as Políticas de Habitação, nomeadamente, os programas de realojamento como o PER¹ procurem e permitam o acesso a condições de habitação condigna, tem-se observado a perpetuação da rotulagem e do estigma relativamente aos “bairros sociais” e espaços habitados por pessoas de etnia cigana. Visões que são promotoras de segregação sócio-espacial e sentidas pelos ciganos como forma de racismo e/ou discriminação (Mendes, 2008). Marques (2007) defende que entre as principais vítimas de racismo na sociedade portuguesa estão os ciganos, definindo-o como um racismo diferencialista², na medida em que estes são percebidos como uma ameaça endógena ao sistema social. Aos ciganos não lhes é concedido um lugar confortável nas Cidades, sendo estes tendencialmente remetidos para lugares socialmente desqualificados (nas

¹ Programa Especial de Realojamento

² O autor apresenta uma distinção idealtípica entre racismo desigualitário ou de inferiorização, sofrido em Portugal, por exemplo, pelos imigrantes de origem africana e o racismo diferencialista sofrido pelos ciganos.

periferias). Um exemplo de racismo dirigido aos ciganos é o facto destes “sempre terem sido tratados negativamente pelos poderes públicos, percebidos como inassimiláveis, como corpos estranhos que atentam a uma pressuposta harmonia e segurança das comunidades” (Marques, 2007, p. 41).

Não obstante da importância dos programas de realojamento é fundamental compreender que nem sempre este representa um processo de integração ou inclusão social, ou um processo claro de mobilidade social e de alterações significativas dos seus modos de vida. Aliás, Pinto e Gonçalves (2000) referem que a desvalorização simbólica destes espaços faz com que os próprios habitantes realojados tenham que gerir e lidar com percepções muitas vezes incorporadas da imagem pública negativas destes espaços residenciais que em articulação com a conflitualidade e insegurança dos mesmos têm implicações diretas ou preconizam dinâmicas sociais locais associados à: desestruturação/fragilização das relações sociais locais, clima de insegurança e mal-estar, processos de desidentidade e isolamento social.

Metodologia

Este estudo segue uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, cujo objetivo passou por compreender o processo de realojamento da comunidade cigana, da Barragem de Bagaúste, a partir das suas vivências e percepções, particularmente, nas seguintes dimensões: 1) na transição entre o acampamento e o Bairro Social, 2) no acolhimento e adaptação ao Bairro, 3) e no acompanhamento técnico (nomeadamente de assistentes sociais) no processo de realojamento. Foram realizadas vinte entrevistas semiestruturadas a ciganos (dez mulheres e dez homens) com mais de 18 anos, vindos do acampamento da Barragem de Bagaúste que foram realojadas em 20 de novembro de 2015 e, atualmente, residem no Bairro das Alagoas. Procuramos que o universo de análise fosse, na medida do possível, heterogéneo com representatividade de mulheres e homens e diversidade nas faixas etárias (a partir da maioridade). As

entrevistas foram transcritas e para a análise de conteúdo e tratamento das mesmas utilizamos o MAXQDA.

Resultados

A forma como foi vivenciado o realojamento no Bairro das Alagoas foi distinta entre os entrevistados. Nesta categoria de análise identificamos uma divisão entre discursos que evidenciaram aspetos positivos e outros que evidenciaram aspetos negativos. Entre os aspetos positivos destaca-se: a enorme satisfação sentida com uma nova etapa de vida *“Era uma coisa que queria há muito tempo”* (E15); o entusiasmo sentido em relação à nova casa, com condições habitacionais muito distintas das anteriores, sendo referido o conforto, o saneamento, a eletricidade, a possibilidade de dormirem sem receios das condições climatéricas e, o brio pessoal e habitacional conquistado. Porém, embora haja uma generalizada satisfação com a nova habitação, em comparação com a anterior, catorze dos entrevistados, acentuaram nos discursos os aspetos negativos no processo de transição, nomeadamente, descrevendo sentimentos de frustração e de tristeza ao se aperceberem que tinham de efetivar a mudança do acampamento num curto espaço de tempo, sentindo uma baixa preparação emocional para a perda do espaço onde haviam habitado durante anos, nas palavras de um dos entrevistados iam ser *“apagados”* (E3) da história daquele lugar. Outro dos aspetos negativos prende-se com o facto da transição para o Bairro representar a perda dos espaços exteriores onde tinham animais e cultivavam os terrenos (pequenas hortas) e onde se sentiam livres para as mais diversas atividades em comunidade. A passagem para o Bairro compromete estes modos de vida mais coletivos, uma vez que a organização espacial e a composição arquitetónica, tendem a promover uma individualização dos mesmos (Rodrigues, 2003)

As dificuldades sentidas na transição e adaptação prendem-se, também, com outros aspetos negativos identificados pelos entrevistados, onde se destaca os conflitos existentes, o sentimento de insegurança provocada, por exemplo, pelo tráfico de droga, bem

como, a imagem negativa do bairro. Estes aspetos negativos são referenciados em diversos estudos (Valero, Elboj, Plaja, & Munté Pascual, 2020) por serem resultado da realidade de guetização de grande parte dos Bairros Sociais em Portugal.

O realojamento também pode contribuir para a aproximação entre pessoas e criar laços independentemente da origem étnica, mostrando a importância da relação entre diferentes culturas como potenciadora do estabelecimento de redes de sociabilidade e laços a partir de relações de vizinhança favoráveis para uma melhor vivência no Bairro de Habitação Social. Contudo, no momento de realojamento, as visões relativas ao acolhimento tenderam a ser maioritariamente negativas por existir, segundo alguns entrevistados, racismo para com estes, falta de entreaajuda e uma certa hostilidade na forma como foram recebidos, “Não nos queriam cá!” (E1). Apenas três entrevistados têm uma percepção positiva do acolhimento, na sua fase inicial, que está associada ao facto de terem relações de amizade com alguns habitantes do Bairro das Alagoas mesmo antes de passarem a ser residentes. Assim, os entrevistados perceberam e vivenciaram o acolhimento de formas distintas, uns referiram que se sentiram mais acolhidos pela população não cigana residente no Bairro, fazendo referência às boas relações de vizinhança que mantêm com os residentes do mesmo lote, outros apontaram o maior acolhimento por parte da população cigana (uma vez que já conheciam alguns elementos) e, houve quem vivenciasse o acolhimento de forma indiferenciada, sem associação especial a qualquer grupo étnico, referindo que partilham sentimentos de cordialidade na generalidade. Todavia, cinco dos entrevistados confessaram que não se sentiram acolhidos por nenhum dos habitantes do Bairro, fazendo referência à falta de empatia, ao medo e desconfiança que pairava sobre eles. Apontam, ainda, que o conflito já existente entre moradores fez com que não houvesse uma efetiva aproximação entre todos. Levando a que a comunidade cigana, vinda da Barragem de Bagaúste, percecionasse no Bairro uma desunião entre distintos grupos. No entanto, alguns dos entrevistados referiram que, com o passar do tempo, desenvolveram ligações a alguns residentes do Bairro, nomeadamente, aos seus vizinhos, com quem partilham re-

lações de amizade, afeto, estima e gratidão, nomeadamente, pelo auxílio que lhes prestaram aquando da sua chegada ao Bairro.

No que diz respeito à perceção dos entrevistados face à intervenção e acompanhamento dos assistentes sociais, foram três os momentos de acompanhamento retratados: antes, durante e após o realojamento. Assim, antes do realojamento os entrevistados consideraram de uma forma geral que este acontecia esporadicamente para serem analisadas as condições do acampamento e dos seus moradores. Em contrapartida, durante a fase de realojamento, consideraram que o acompanhamento foi ajustado às necessidades que sentiam e valorizaram o papel dos Assistente Sociais, dizendo que estes foram uma mais-valia como auxílio durante essa fase, que demonstraram preocupação constante com o bem-estar dos ciganos. Destacaram, ainda, a importância do acompanhamento para a gestão e tratamento de toda a burocracia implicada no processo de mudança. Porém, os entrevistados apontaram que no pós-realojamento houve uma diminuição drástica de acompanhamento, descreveram um retorno ao “sentimento de abandono”, numa fase que seria chave para a adaptação ao novo espaço habitacional.

Quatro dos entrevistados consideraram de uma forma geral que os assistentes sociais envolvidos no processo de realojamento “fizeram tudo o que podiam” (E16, E17, E19, E20). Os restantes dezasseis consideraram que estes poderiam ter agido de forma diferente, como por exemplo, prevenindo a mudança para o Bairro das Alagoas, sugerindo estratégias de requalificação das habitações da Barragem ou apoio financeiro para os próprios melhorarem as antigas habitações e, no caso dessa opção ser inevitável, apontaram duas outras alternativas: 1) selecionar outro Bairro Social para viverem junto a outros ciganos que já haviam deixado a Barragem, 2) serem céleres, a par de outros técnicos e Entidades responsáveis pela Habitação Social, na efetivação do processo de realojamento (já que entendido como inevitável) para que não necessitassem de continuar a habitar em condições desumanas.

Nos discursos dos entrevistados a perceção face à intervenção e funções dos Assistentes Sociais, passou pela caracterização dos mesmos como técnicos que ajudam no tratamento de “burocracias”, au-

xiliam a população de maneira geral, atribuem apoios sociais como o Rendimento Social de Inserção (“Rendimento Mínimo”) e integram os beneficiários em cursos de formação (para desenvolverem as suas capacidades e “ocuparem o tempo”) e cedem habitações para proporcionar melhores condições de vida. Não se verificando, nestes discursos, uma efetiva referência a práticas anti-opressivas e comunitárias capazes de melhorar o funcionamento e dinâmica dos bairros para fazer face aos processos de estigmatização e discriminação que enfrentam.

Conclusões

Com a realização deste estudo foi possível compreender que:

- 1) há diferentes sentimentos face ao acolhimento e integração no bairro, uma vez que o realojamento teve impactos nas redes de sociabilidade e afetividade entre os antigos residentes da Barragem e a criação de novos laços com a vizinhança do Bairro das Alagoas;
- 2) há um elevado nível de satisfação face às novas condições habitacionais, contudo, uma menor satisfação relativamente ao Bairro (diferenciação entre espaço-casa e espaço-bairro);
- 3) reconhecimento da importância dos assistentes sociais (e outros técnicos e entidades) no processo de realojamento, embora, com críticas ao acompanhamento no pós-realojamento.

O Serviço Social é fundamental para o acompanhamento das comunidades ciganas, na defesa dos seus direitos, na luta contra todas as formas de estigmatização, guetização, discriminação e racismo. Espera-se que o acompanhamento dado às populações nos seus processos de realojamento impliquem, não só um trabalho de intervenção micro social, de acompanhamento das famílias nos processos de realojamento, no apoio ao preenchimento de documentos necessários, ou na mobilização de apoios pecuniários para as famílias ou agregados acompanhando-as, mas, também, uma interven-

ção de ordem comunitária que mobilize na comunidade atitudes de participação, colaboração, cooperação para a resolução e prevenção de processos geradores de desigualdades sociais, numa lógica de *empowerment* e implicação das comunidades (Valero et al., 2020).

Os processos de realojamento são complexos e a integração em novos espaços habitacionais como os Bairros de Habitação Social também o é, mormente quando o envolvimento e participação das pessoas realojadas é remetida para segundo plano. Importa que haja uma forte participação e implicação das pessoas realojadas para processos de acolhimento e integração adequados.

Bibliografia

- Alves, Sónia (2017). Ethnic Housing Segregation and the Roma/ Gypsy population: A Portuguese Perspective. In *AESOP Annual Congress'17 Lisbon – Spaces of Dialogue for Places of Dignity: Fostering the European Dimension of Planning* pp. 1-12. Lisbon: AESOP.
- Marques, João Filipe (2007). *Do “não racismo” português aos dois racismos dos portugueses*. Lisboa: ACIDI, I.P.
- Mendes, Maria Manuela (2008). Representações sociais face a práticas de discriminação: ciganos e imigrantes russos e ucranianos na AML. In *VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas* pp. 1-46. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Mendes, Maria Manuela, Magano, Olga, & Candeias, Pedro (2019). Des-homogeneizar os Ciganos Portugueses: perfis sociais e heterogeneidade sócio-cultural. *OBETS. Revista de Ciências Sociais*, 14(1). Retrieved from <https://doi.org/10.14198/OBETS2019.14.1.02>
- Mendes, Maria Manuela, Magano, Olga, & Candeias, Pedro (2014). *Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas*. Lisboa: ACM, I.P.
- Molinuevo, Daniel, Koomen, Maarten, & Fóti, Klára (2012). *Living conditions of the Roma: Substandard housing and health*. Retrieved from <https://www.eurofound.europa.eu/publications/report/2012/quality-of-life-social-policies/living-conditions-of-the-roma-substandard-housing-and-health>
- Pinto, Teresa Costa, & Gonçalves, Alda (2000). Os Bairros Sociais

Vistos por si Mesmos. *Cidades - Comunidades e Territórios*, (1), pp. 101-111.

Rodrigues, José Cavaleiro (2003). As Lógicas Sociais dos Processos de Realojamento. Da Requalificação Residencial às Lutas de Classificação em Novos Bairros de Habitação Social. *Cidades - Comunidades e Territórios*, (7), pp. 91-99.

Valero, D., Elboj, C., Plaja, T., & Munté Pascual, A. (2020). Social work and the Roma community: elements to improve current practices. *European Journal of Social Work*. Retrieved from <https://doi.org/10.1080/13691457.2020.1857705>